

Reg. protocolo n.º 131 (Folha 14)

Caím

POR

Memetério Cabrinha

446

MANAUS - 1934

DO MESMO AUTOR

Já publicado :

MEU SERTÃO.....—poema esgotado

SATAN— » »

VEREDA ILUMINADA..... Versos

CAIM —Poemeto

A publicar :

TERRA MOÇA.....—Versos modernos

MEMORIAS DE UM LADRÃO—Prosa.



*Às portas moço de minha
admiração, Mario Yperanga
Monteiro, com dedicação of*

Caim

Nemeterio Cabrinha

Reg. protocolo n.º 132 (Folha 14)

POEMETO BÁRBARO

DE

Nemeterio Cabrinha



MARIO YPERANGA
446

MANAUS—1934

*AmM
0215*

Aos que se julgam bons.

Aos que se julgam puros.

H. C.



I

Homem! monera vil que raciocina e pensa,
Prometheu da ilusão nos dédalos da Vida;
Para onde tu vaes, nessa tortura intensa,
Engolfado no ardor poeril de tua crença
De galgar, pela força, a ingreme subida?

Para onde vaes assim, nessa vertigem rude,
Palmilhando do ignoto as dolorosas metas?
Sem um bastão de luz que tua sombra escude,
Tendo a ambição por guia, o crime por virtude,
E por goso a expansão das coleras secretas?

Onde pensas chegar, Belibeth sem mansarda,
Atirado ao camarço infrene da loucura?
Despercebido enfim da hora que não tarda,
Ante a qual todo o ser, perplexo, se acovarda
Vendo que a própria sombra o estorva e o desventura?

Que procuras no cáos ardente em que te afundas?
No infinito escarpado, horrível, que solapas?
As perfidas visões de teu instinto oriundas,
Filtradas na eclosão dessas paixões fecundas
Afogam-te no fél das avernaes etapas!

Semeador de odios! Confundido
No proprio odio que aflições semeia;
Por mais que busques do desconhecido
Transpôr, de um salto, a luminosa ameaça,

Jamais conseguirás! Incompreendido
Lutarás como o inséto em fina teia;
Debatendo-se em vão e, após, vencido
Sucumbe na fragilima cadeia...

Jamais alcançarás dentro do abismo
As altitudes brancas do Hymalaia
Em seu eterno e mudo paroxismo...

Pára insensato! Ausculta-te primeiro!
— Grão de areia perdido em longa praia,
— Esféra doida num despenhadeiro!

Parasita da Luz, sombra erradia;
Gôta emotiva, lubrica, plasmada
No fermento da vida fugidia
Por uma Força Absoluta, ignorada.

Dentro de ti, o Todo se adelgaça
Na imperceptível vibração do Kosmo...
E tu, sem perceberes como passa
O Macrocosmo para o Microcosmo...

Estonteado pelos cataclismos
Desvairado te arrojas aos abismos
Sulcados na tua ansia inconcebível...
E sedento, febril, insatisfeito,
Como um monstro em si mesmo encarcerado,
Tentas subir e tombas no impossível.

Por onde passas, dolorosos fulcros
De sangue e fogo pela terra ficam;
E dos berços aos funebres sepulcros
A lama, o pó e o pús te identificam.

Eras remotas, tragicas, poeirentas
 Calcadas no mais bárbaro destino
 Que te acompanha, celere Beduino
 Em cavalgadas doidas e sangrentas,
 Falam de ti ás gerações que passam
 Atormentadas pelos teus suplicios...
 Louco! teus sonhos pelo mundo traçam
 Horrosos vulcões cheios de vícios.

Quando da velha e placida Lemuria,
 Da Australasia maldita te arrastaste,
 Era tua alma um antro de luxuria...
 O teu destino contra o Bem traçaste.

Ergueste contra Deus os teus alfanges!
 Mitigaste com sangue os teus instintos...
 Pelas ribeiras misticas do Ganges
 Teceste os mais sangrentos labirintos.

Os simples aborígenes escuros
 Lançaste á maldição que não se extingue,
 E como um Capro sensitivo e langue
 Cavalgaste os desejos mais impuros.

Abriste a fonte negra das vinditas
 Exumaste os duendes dos teus odios...
 Na tua historia, em paginas malditas
 Esboçaste os primeiros episodios
 De tua vida desvairada e dura,
 De tua louca predestinação...

Ahasverus — tateando em noite escura...
 Caim sorvendo o fêl da maldição...

Ariano infeliz! negaste a tua raça!
 Filho espurio da Luz, rasgaste o ventre de Eva
 Para espalhar a Dôr, a lagrima, a desgraça...

Cerberos a ganir dentro de eterna treva !

Com Kapila acendeste os folhos de tua alma ;
Com Gauthama enxugaste a lagrima do santo !
Com Cambises, na Persia, anuviaste a calma
Espalhando o terror, o desespero, o pranto.

Seleucus ! — conquistaste a Babilonia eterna !

Licurgo ! — transformaste o espirito de Sparta !

Homem ! — dês que deixaste a lugubre caverna
Tua alma em convulsões, de sangue não se farta !

* * *

Que buscas, afinal, nessa terrivel luta,
Sem um riso de amor que tua dor consagre ?
Tu, que a Socrates deste a terrivel cicuta,
E ao Christo, a cruz, o fêl e a esponja de vinagre ?

Icaro ! — cortaste as tuas proprias asas
E queres te ascender ás regiões sublimes !
Debalde ! Rolarás por este chão de *brasas*,
Condenado a sofrer pelos teus proprios crimes...

Pois quando um genio bom o teu humor suplanta,
Apontando-te a luz para uma novâ era,
Dentro de teu anseio um monstro se levanta
E ruge, e grita, e geme, e brada, e vocifera.

Levando o abnegado ao sacrificio, á morte,
Ao infimo degrau de tua rebeldia...

O' bussula infiel que não divisa o Norte !

Desarvorada nau de encontro a penedía I

* * *

Na voragem do acaso, entre o sonho e a quimera,
Entre o vicio e a virtude, arroja-te sedento

Ao pantano da vida, á dantesca cratera
Onde expira a rasão e estruge o sofrimento.

Onde a paz e a esperança, ante a ambição resvalam,
Na concatenação dos bárbaros sentidos;
Onde a alma geme e chora, e os musculos estalam
Na epopéa infernal de gritos e gemidos.

Onde viveu Tiberio — o pérfido, o grotesco...
Onde, inerte, tombou Calígula, — o perverso...
E entre flócos de luz e ricos arabescos
Néro cantou, sorrindo, o seu primeiro verso.

Onde, na exaltação de anhelos pervertidos,
No impudico prazer, em desmedidas regras,
Cultuaste a emoção dos lubricos sentidos
Celebrando com a carne as tuas missas negras.

Satyro! — imolaste a propria consciencia!
Acendendo do crime a destruidora chama,
Erigindo, a ti mesmo, ante a Divina Essencia,
Uma estatua de pús, num pedestal de lama!

III

Horas de desespero, horas tumultuosas,
Ninfas rubras do tempo, em céleres volteios
Bailam, doidas pelo ar, graves e tenebrosas.

Atrôpos infernaes, em féros devaneios
Inclinam sobre a terra as laminas malditas
Para arrancar do Mundo os ultimos anseios.

Melopéas de dôr, gritos de almas aflitas,
Desesperados ais, gemidos compungentes
Ameaçam devassar as plagas infinitas,

Para acordar no Espaço as vibrações clementes
Dos que nasceram bons, dos que viveram santos,
Dos que morreram rindo, ao Mundo indifferentes...

Entre as larvas da dôr, nos copiosos prantos,
E' que se sabe amar a todo o desgraçado,
Pedindo a Deus que o tenha em seus doirados mantos...

E' na desolação que o triste, o inconsolado
Acha o Infinito estreito, o Mundo pequenino
E a Vida uma visão perdida no passado...

Mas tu, Homem sem fé, escravo do Destino,
Espírito revel, de crimes saturado,
Has de sempre vagar, perdido Beduino,
Num deserto sem fim, sedento, desgraçado.

* * *

Quando a hora final vibrar pelo Infinito,
Acordando em tua alma os mortos sentimentos,
De cada átomo teu ha de escapar um grito
Num concerto infernal de choros e lamentos.

Has de vêr, contra a Luz, em negras silhuetas,
As ultimas visões de teu genio iracundo !
Duendes imortaes, abutres de asas prêtas
Imolando teu ser nas emoções do Mundo.

E no desvairamento eterno dos culpados
No infindo padecer das almas assassinas,
Verás, na rapidez de um raio, aniquilados
Mil seculòs de dôr, sob um montão de ruínas !

Manaus, 24 e 26 de Março de 1934.

162 v.





AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

